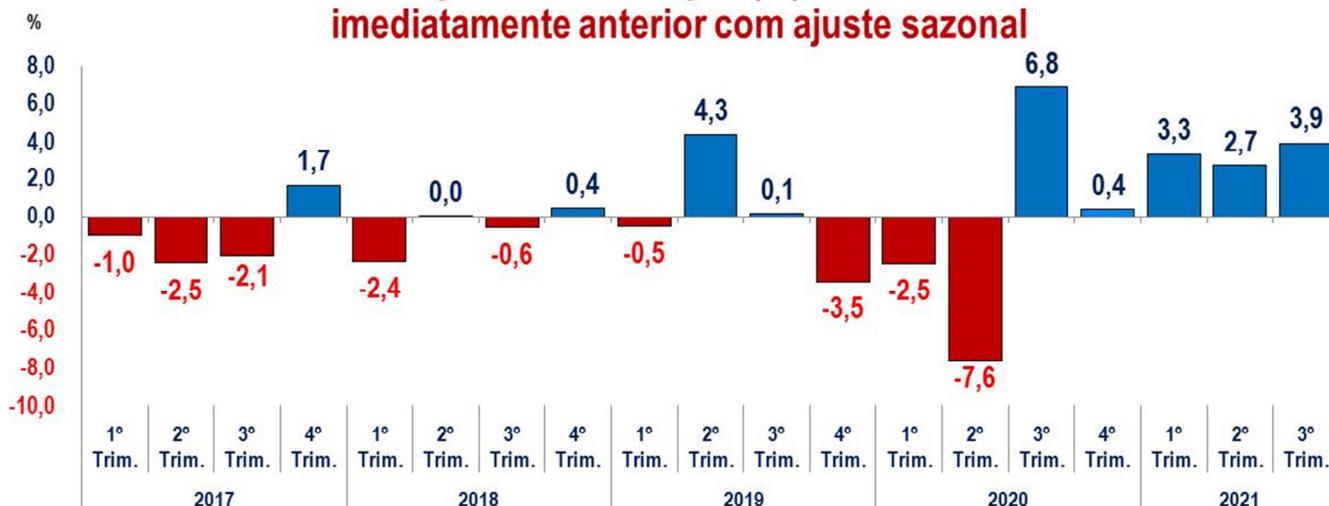


### PIB da Construção Civil se destacou e cresceu 3,9% no 3º trimestre de 2021

Conforme os resultados do Produto Interno Bruto (PIB), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Construção Civil cresceu 3,9% no 3º trimestre de 2021, em relação ao trimestre imediatamente anterior. Desde o 3º trimestre de 2020 o setor vem registrando resultados positivos, indicando que, mesmo diante de desafios tão expressivos, como a falta e o aumento excessivo no custo dos seus insumos, o setor seguiu demonstrando força na geração de emprego e renda na economia nacional. É preciso destacar a sequência do desempenho positivo na Construção Civil nos últimos cinco trimestres. A última vez que o setor cresceu por um período maior do que esse foi do 4º trimestre de 2010 ao 1º trimestre de 2012.

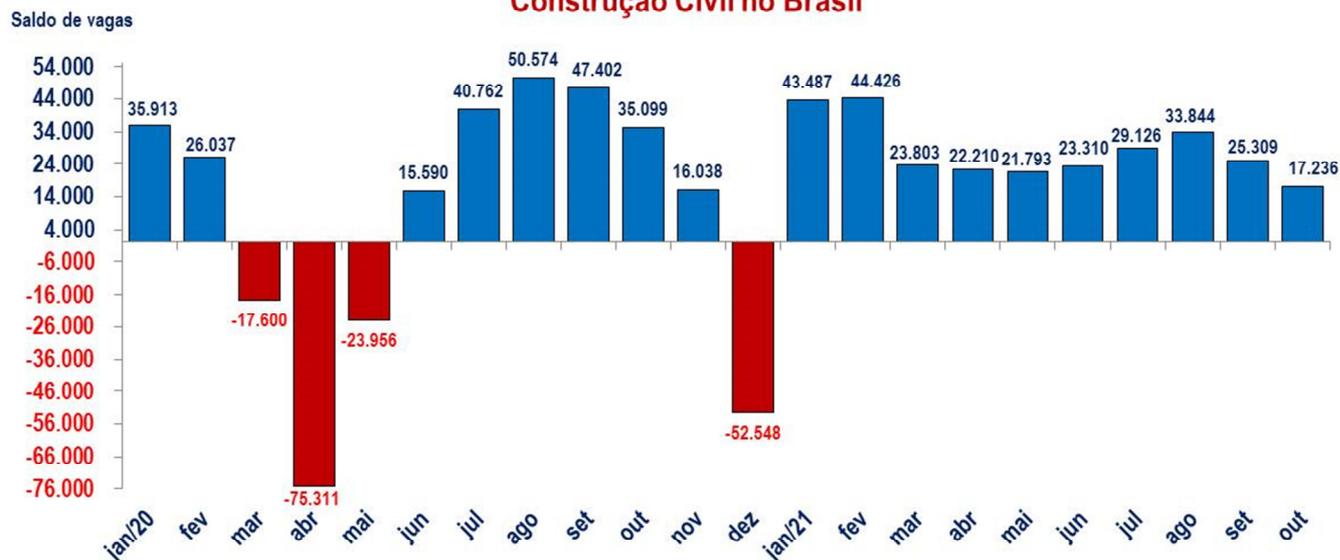
#### PIB Construção Civil - Variação (%) Trimestre/trimestre imediatamente anterior com ajuste sazonal



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais - 3º Trimestre de 2021, IBGE.

Dados do Novo Caged, divulgados pelo Ministério do Trabalho, demonstram que, há dez meses consecutivos, o número de admissões na Construção supera o de demissões, o que proporciona um saldo positivo na geração de emprego. De janeiro a outubro de 2021 o número de novas vagas com carteira assinada criadas pelo setor, em todo o País, foi 284.544, o que fez o seu número de trabalhadores formais crescer 13,51%. Enquanto no final de dezembro/20 a Construção possuía 2,107 milhões de trabalhadores com carteira assinada, em outubro/21 esse número passou para 2,391 milhões. Portanto, o incremento de atividades do setor se traduz em novos empregos formais, o que é muito importante, especialmente considerando que o País ainda possui um mercado de trabalho fragilizado com mais de 13,4 milhões de desempregados.

### Evolução mensal dos saldos\* de vagas geradas na Construção Civil no Brasil



Fonte: Novo Caged/Ministério do Trabalho.

(\*) Dados com ajustes.

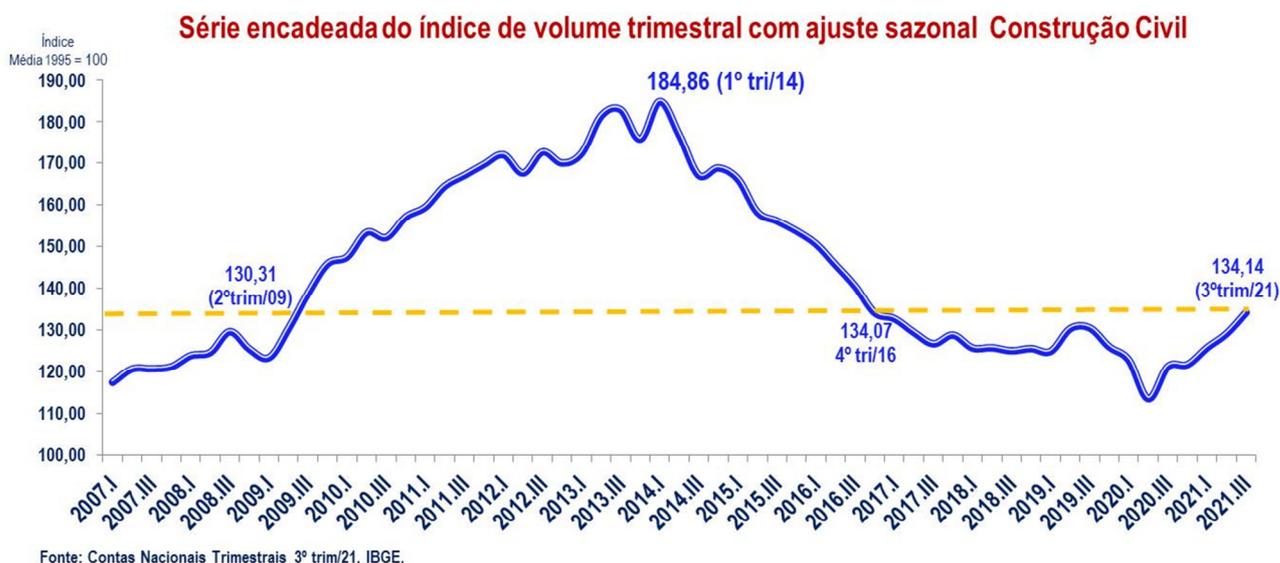
Desagregando os dados observa-se que a Construção de Edifícios foi o segmento com o maior número de novas vagas geradas pelo setor nos primeiros 10 meses de 2021 (115.169). Em segundo lugar vem os Serviços Especializados para a Construção, que envolvem atividades como demolição e preparação do terreno, obras de acabamento, outros serviços especializados para a construção, instalações elétricas, hidráulicas e outras instalações em construções (108.969). Já as obras de infraestrutura geraram, neste período, um saldo positivo de 60.406 novas vagas. Neste contexto, é importante ressaltar que, conforme os Indicadores Imobiliários Nacionais, divulgados pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção Civil (CBIC), o número de novas unidades lançadas no País cresceu 22,5% nos primeiros nove meses de 2021 em relação a igual período do ano anterior. Já o volume das vendas de imóveis novos, no mesmo período, apresentou incremento de 37,6%.

A forte alta do financiamento imobiliário ajuda a explicar o bom resultado do setor Civil em 2021. Conforme dados da Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip), nos primeiros dez meses de 2021, os financiamentos imobiliários com recursos das cadernetas do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) atingiram R\$ 171,85 bilhões, o que correspondeu a uma alta de 85,4% em relação a igual período do ano passado (R\$92,67 bilhões). Por outro lado, também é preciso destacar que o financiamento imobiliário com recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) recuou 10,73% ao passar de cerca de R\$45 bilhões, no período de janeiro a outubro/20 para R\$40 bilhões em igual período de 2021. Vale lembrar que o déficit habitacional brasileiro se concentra nas camadas de renda mais baixas, justamente aquelas que são atendidas pelo FGTS.

No 3º trimestre de 2021, em relação ao 2º trimestre, a Construção Civil foi o único segmento industrial que registrou avanço em seu PIB. Neste período, as Indústrias Extrativas retraíram 0,4%, as Indústrias de Transformação recuaram 1,0% e Eletricidade e gás, água, esgoto e atividade de gestão de resíduos caíram 1,1%. Mais uma vez a Construção Civil demonstra que pode contribuir para fortalecer a atividade econômica do País.

O setor está preocupado em continuar mantendo o ritmo de suas atividades. Mas existem sérios desafios. Conforme os dados do Índice Nacional de Custo da Construção (INCC), calculado e divulgado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o custo com materiais e equipamentos, de julho/20 até outubro/21, já aumentou 40,80%, o que gera forte impacto no processo produtivo do mercado imobiliário nacional, justamente o segmento que vêm puxando o PIB setorial. Diante de um exagerado aumento dos custos com materiais de construção existe a preocupação com o descasamento do preço dos imóveis e a capacidade de compra das famílias, cuja renda vem se retraindo.<sup>1</sup> Neste contexto, é preciso ressaltar que, no 3º trimestre/2021, em relação ao 2º trimestre do ano, as vendas de apartamentos recuaram 11,2% conforme os Indicadores do Mercado Imobiliário Nacional, divulgados pela CBIC.

Com o resultado do 3º trimestre, o PIB da Construção Civil voltou ao patamar de 2016, mas ainda está 27,44% inferior ao seu pico de atividades observado no início do ano 2014.

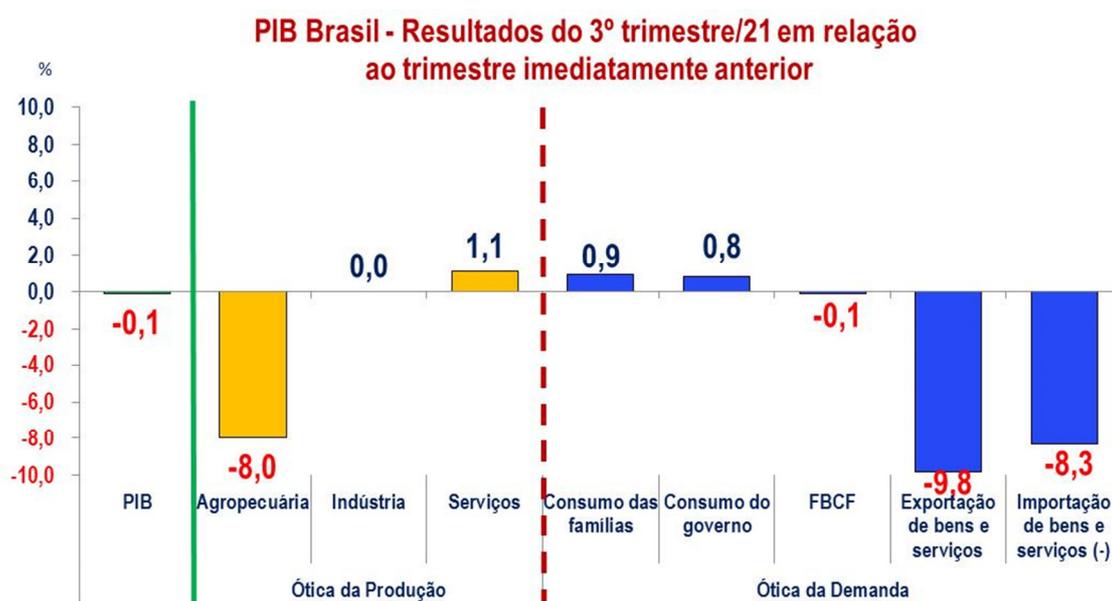


Em todas as bases de comparação a Construção Civil apresentou resultados positivos no PIB. No acumulado dos primeiros nove meses de 2021, em relação a igual período do ano passado, a alta foi de 8,8%. Já no 3º trimestre/21, em relação ao mesmo trimestre/20, o

<sup>1</sup> Conforme os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua), divulgada pelo IBGE, o rendimento real habitual dos ocupados (R\$ 2.459) caiu 4,0% no 3º trimestre de 2021 em relação ao trimestre anterior e retraiu 11,1% relação a igual trimestre de 2020.

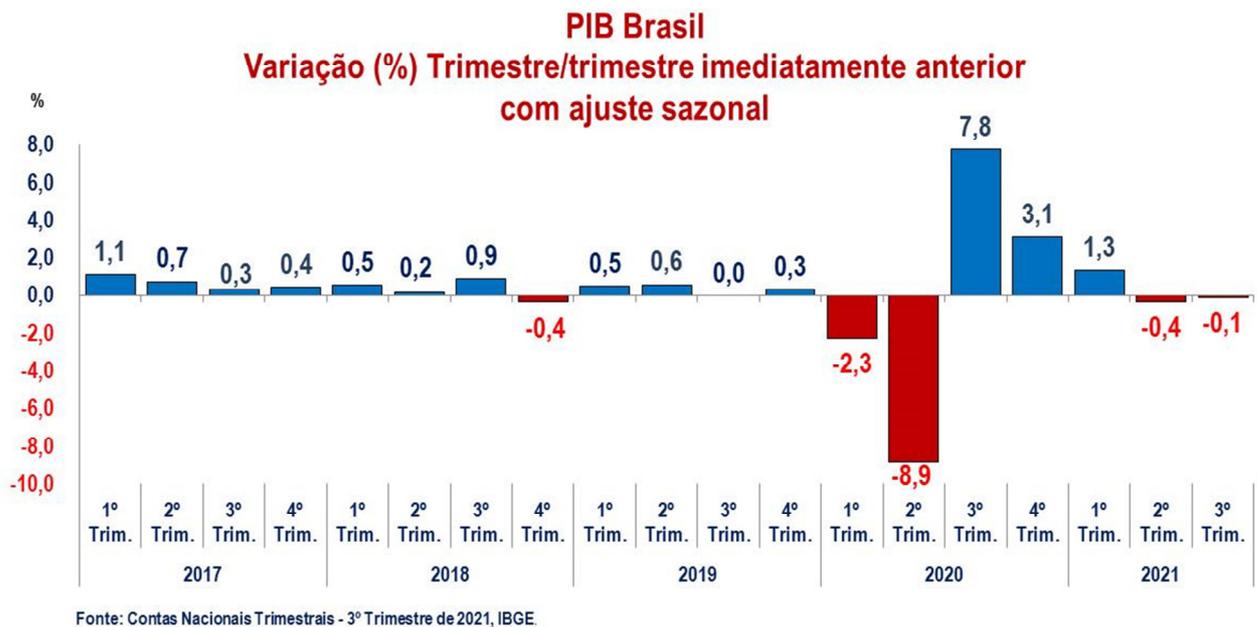
crescimento foi de 10,9% e, nos últimos quatro trimestres, em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores o aumento foi de 5,6%. Esses números sinalizam que o setor deverá encerrar 2021 com incremento superior aos 5% previstos no final do primeiro semestre do ano.

O resultado da Construção no 3º trimestre ganha especial relevância quando se observa o desempenho dos demais segmentos de atividade. A Agropecuária apresentou queda de 8,0% em relação ao 2º trimestre do ano. Conforme o IBGE, esse resultado pode ser justificado pelo encerramento da safra de soja, a principal commodity do País. Mas também é preciso considerar os problemas climáticos apresentados ao longo de 2021. Já a Indústria registrou estabilidade (0,00%) e só não apresentou queda em função do desempenho positivo da Construção. Por sua vez, o setor de Serviços cresceu 1,1%.

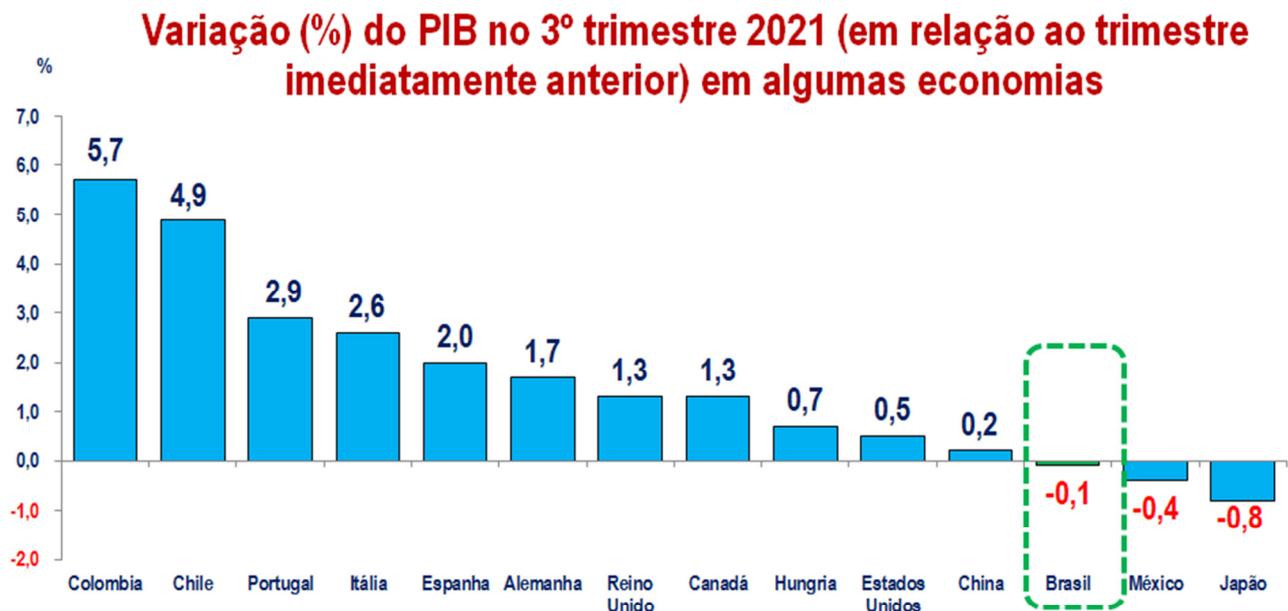


Fonte: Contas Nacionais Trimestrais, 3º trimestre/21, IBGE.

Os dados divulgados pelo IBGE demonstram que a economia nacional entrou em recessão técnica. Isso porque, pelo segundo trimestre consecutivo, o PIB Brasil demonstrou resultados negativos. No 3º trimestre/21, em relação ao trimestre imediatamente anterior, a queda foi de 0,1%. Já no 2º trimestre/21, em relação aos três primeiros meses do ano, o recuo foi de 0,4%. Apesar da forte retração da Agropecuária ter contribuído para puxar o PIB para baixo, é preciso considerar que as incertezas com o cenário fiscal do País, a inflação elevada, o forte incremento na taxa de juros e o mercado com número elevado de desempregados (apesar da redução da taxa de desemprego) são alguns dos fatores que caracterizam o atual cenário econômico. Neste sentido, é preciso ressaltar o forte incremento nos juros, que provoca o arrefecimento da atividade econômica. O País iniciou 2021 com a taxa Selic em 2% e deverá encerrar o ano com a referida taxa superior a 9%.



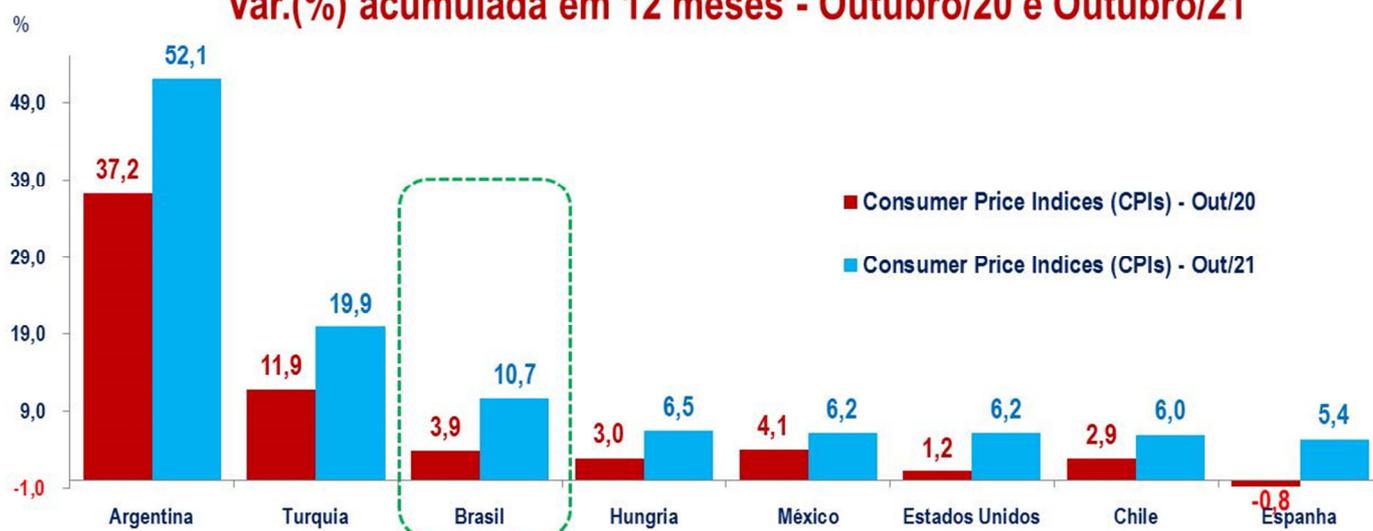
O desempenho apresentado pelo PIB do Brasil no 3º trimestre de 2021 ficou inferior ao observado em outras economias. Colômbia (+5,7%), Chile (+4,7%), Portugal (+2,9%), Espanha (+2,0%) são alguns exemplos.



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, 2021.

Neste contexto, é preciso destacar a elevação da inflação. O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), calculado e divulgado pelo IBGE, e que é o indicador oficial da inflação no País, aumentou 10,7% nos últimos 12 meses encerrados em outubro/21. Vale lembrar que o teto da meta neste ano é de 5,25%. Os aumentos dos preços dos combustíveis, da energia elétrica e da alimentação são fatores que têm contribuído especialmente para o incremento dos preços no País. Também é preciso considerar que o aumento nos preços tem apresentado força em vários países, como nos Estados Unidos que passaram de uma inflação de 1,2% nos 12 meses encerrados em outubro/20 para 6,2% em 12 meses finalizados em outubro/21.

### Consumer Price Indices (CPIs) Var.(%) acumulada em 12 meses - Outubro/20 e Outubro/21



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Alguns fatores chamam a atenção no resultado do PIB do 3º trimestre: a volta do crescimento do consumo das famílias, que depois de recuar 0,2% no 2º trimestre/21 em relação aos primeiros três meses do ano, apresentou alta de 0,9% no período de julho a setembro, e a taxa de investimento, que foi de 19,4% são alguns deles.

A pesquisa Focus, realizada semanalmente pelo Banco Central, com analistas do mercado financeiro, projeta expansão de 4,78% para o PIB Brasil em 2021. Já o Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê crescimento de 5,2% e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) estima alta de 5%.

Para 2022 existe a preocupação com os efeitos da elevação dos juros sobre o nível de atividade econômica, com o cenário fiscal do País e com a inflação que, apesar de menor do que a observada em 2021, deverá continuar acima do centro da meta inflacionária. Além disso, no ambiente externo, a redução do programa de estímulos da economia americana poderá trazer consequência para países como o Brasil. O processo de retirada de liquidez do mercado americano deverá provocar aumento nos juros, o que atrai os investidores internacionais. Assim, a possibilidade de saída de capital do Brasil, uma maior valorização do dólar e a perda de fôlego prevista para a economia chinesa, são alguns fatores que também geram apreensão. Neste contexto, é importante ressaltar que a China deverá crescer cerca de 8% em 2021 e, no próximo ano, as expectativas sinalizam crescimento de 5,6%, conforme as estimativas do FMI.

Diante desses fatores, as projeções para a economia nacional em 2022 seguem perdendo intensidade. A pesquisa Focus estima crescimento de modestos 0,58%, enquanto o FMI prevê expansão de 1,5% e a OCDE 1,4%. Esses resultados sinalizam que o desempenho nacional no próximo ano deverá ser bem inferior a média da economia mundial, com projeção de alta de 4,9%. Neste contexto, setores como a Construção Civil precisam, necessariamente, ser prioridades na agenda de desenvolvimento sustentado do País. Vale lembrar que, a cada R\$1 milhão investidos em habitação, a Construção Civil gera 18,31 postos de trabalho (considerando os efeitos diretos, indiretos e induzidos). Além disso, encerrado o ciclo de produção, a Construção Civil continua gerando efeitos positivos sobre a economia nacional.



Fonte: Estudo Pós-Obra – Geração de Renda e emprego na Economia/CBIC.

Em 2022 alguns fatores negativos podem impactar o desempenho da Construção, como a preocupação com o aumento nos custos, a queda na renda real das famílias e o aumento dos juros. Entretanto, diante de uma inflação que ainda preocupa, os investimentos em imóveis

podem surpreender, pois se constituem em uma excelente opção. Além disso, o ano eleitoral poderá impactar positivamente os investimentos em infraestrutura. Esses fatores podem levar o setor a crescer acima da média nacional no próximo ano, assim como acontecerá em 2021.